



MEMÓRIAS VIDEOGRÁFICAS DAS NAVEGAÇÕES COMUNITÁRIAS PELAS ÁGUAS DA BAHIA

Hugo Fortes. USP

RESUMO: Este artigo apresenta reflexões sobre a documentação videográfica do projeto *BTS em Retalhos*: ações poéticas em cinco portos da Baía de Todos os Santos: Baiacu, Itaparica, Matarandiba, Coqueiros e Ilha de Maré. O projeto consistiu de uma série de ações realizadas pelos artistas e pesquisadores do grupo MAMETO Cnpq junto a comunidades das ilhas da Baía de Todos os Santos. Foram realizadas oficinas, trabalhos de campo e criação artística coletiva, performances e discussões com os habitantes destas ilhas ao longo de dois anos. O processo foi documentado em vídeo, fotografias e em publicações. O presente texto descreve o processo de criação dos vídeos do projeto, pensando estas obras como documentos do processo artístico, que são ao mesmo tempo obras autônomas que oferecem um testemunho das vivências coletivas do projeto.

Palavras-chave: comunidade, criação coletiva, vídeo, documentação, ambiente.

ABSTRACT: *This article presents reflections on the videographic documentation of the project BTS em Retalhos: poetic actions in five ports of the Baía de Todos os Santos.: Baiacu, Itaparica, Matarandiba, Coqueiros and Ilha de Maré. The project consisted of a series of actions undertaken by artists and researchers from the group MAMETO Cnpq along with communities from the islands of the Baía de Todos os Santos. During two years were held workshops, on-site studies, collective artistic creation processes, performances and discussions with the inhabitants of these islands. The process was documented on video, photos, and publications. This paper describes the creation process of the videos of the project, considering these artworks as documents of the artistic process, which are also autonomous pieces that offer a testimony about the collective experiences of the project.*

Key-words: *community, collective creation, video, documentation, environment.*

Entre 2010 e 2012 foram realizadas uma série de intervenções artísticas junto aos habitantes das ilhas da Baía de Todos os Santos, no âmbito do projeto BTS em Retalhos, sob coordenação geral da Profa. Dra. Viga Gordilho da UFBA e participação dos membros do grupo de pesquisa MAMETO. O projeto BTS em Retalhos, cuja idealização iniciou-se em 2007, teve como objetivos realizar estudos de campo, ações artísticas coletivas e oficinas de arte para a população das comunidades de Baiacu, Itaparica, Matarandiba, Coqueiros e Ilha de Maré. Além de valorizar a cultura local e estimular a criação artística junto a estas comunidades, o projeto também atuou como uma plataforma de discussão de questões sociais,

ecológicas e culturais por meio da arte. Para os pesquisadores e artistas participantes, o contato com um ambiente natural exuberante e distante da cidade grande e os diálogos travados com os habitantes das comunidades, muitas vezes bastante carentes, possibilitou um ponto de partida para a reflexão e um motivo de inspiração para a criação de obras coletivas conscientes, que dialogassem poeticamente com as realidades locais.

As ações artísticas foram de diversos tipos, incluindo desde oficinas de criação coletiva utilizando pintura, cerâmica e outros materiais, até mesmo um desfile com trajes artísticos criados pelos artistas a partir das rendas produzidas pelas habitantes da Ilha de Maré e performances que foram apresentadas para as comunidades. Embora algumas destas ações também apresentassem aspectos educativos, não se pretendeu impor unidirecionalmente um conteúdo a ser aprendido pelos habitantes das comunidades – ao contrário, foi a partir das características e necessidades de cada comunidade que se pensaram as ações artísticas, nas quais os aspectos colaborativos foram salientados com o intuito de criação de obras coletivas com a participação ativa das populações locais.

Em verdade, podemos compreender as atividades realizadas no âmbito do projeto BTS em Retalhos como uma obra única e distendida no tempo, cujas realizações não se materializam em um suporte específico e nem pretendem ser formatadas em um único produto artístico consumível, pois consideram o processo criativo colaborativo e o poder transformador da arte o seu principal objetivo. Talvez por isso a melhor definição para estas atividades seja mesmo o termo ações poéticas, pois situam-se próximas das noções de performance ou happening devido a seus processos efêmeros e desmaterializados, que, porém, promovem interações efetivas e participativas com as comunidades participantes. Distantes do mercado de arte e sem necessidade de se oferecer como obras artísticas acabadas e comercializáveis, estas ações podem ser visualizadas e percebidas de diferentes formas e em diferentes suportes, que funcionam como objetos mediadores entre os criadores e os fruidores das obras.

Em uma primeira instância, poderíamos dizer que os artistas envolvidos e as comunidades onde se realizaram as ações seriam ao mesmo tempo os produtores e o público destas obras. Afinal estas ações foram realizadas por eles e devido ao fato

destas comunidades apresentarem-se distantes dos grandes centros e do mercado artístico, raramente houve um público que se dirigisse aos locais das ações apenas para assisti-las. Em geral, era a própria população local das ilhas que participava e via os resultados criativos. Mesmo os artistas envolvidos no projeto, nem sempre puderam estar todos presentes em todas as ações, já que o grupo era formado por uma grande quantidade de artistas de diversos estados do Brasil, sendo que alguns artistas estiveram presentes apenas em algumas ações.

Em uma segunda etapa, após as realizações das ações efetivas nas ilhas, entretanto, foram organizadas fotos que retratavam estas ações, produzidos textos com reflexões sobre os processos desenvolvidos e as vivências criativas, bem como editados vídeos que documentavam as atividades do grupo nas comunidades. Este tipo de material, de caráter documental e reflexivo constituiu uma nova possibilidade de apreensão da obra produzida pelo projeto BTS em Retalhos. É importante ressaltar que a apreensão desta obra distendida no tempo é, portanto, sempre fragmentária, pois suas ações produziram uma série de documentos textuais, imagéticos e videográficos, que ao mesmo tempo narram as ações realizadas e constituem-se como objetos mediadores de acesso às ações desenvolvidas. Devido ao caráter relacional das ações desenvolvidas pelo projeto BTS em Retalhos, à multiplicidade de espaços onde ocorreu, à abrangência de públicos criadores e fruidores que envolveu e da variedade de mídias e suportes que foram utilizadas durante o seu desenvolvimento, a compreensão integral deste processo artístico seria possibilitada apenas àqueles que estiveram presentes em todas as ações. Mesmo assim, cada um teve percepções e níveis de envolvimento diferentes com esta grande obra. Desta forma, podemos depreender que a apreensão desta obra se deu de forma múltipla, ocorrendo não só através da percepção ao vivo daqueles que participaram *in loco* dos eventos, mas também foi estendida àqueles que tomaram contato com ela através de imagens, vídeos, pinturas, objetos e relatos produzidos a partir das experimentações artísticas.

Neste momento, em que as ações presenciais nas ilhas da Bahia de Todos os Santos foram concluídas, a reunião destas percepções vem sendo organizada em publicações que incluem vídeos, fotos e textos, além de estar sendo discutida em apresentações orais. Estes documentos das ações tornam-se portanto uma segunda

etapa de atualização da obra, constituindo-se por sua vez obras em si, já que se oferecem ao público como a possibilidade de acesso aos conteúdos desenvolvidos no projeto. Acredito ser importante aqui ressaltar que o aspecto documental destes materiais não reduz sua poética enquanto objetos artísticos. Em uma palestra recente na conferência internacional *Performing Documents*, em 2013, em Bristol na Inglaterra, a Profa. Dra. Rebecca Schneider da Brown University, EUA, apresentou suas reflexões sobre os materiais de documentação e arquivagens de performances. Em sua fala, a professora salientou que as fotografias, vídeos e textos que documentam performances, ao invés de serem vistos como meros documentos incompletos de ações efêmeras do passado, devem ser encarados como uma possibilidade de atualização das performances no momento em que são exibidos, e, assim, eles “performam” ao serem visualizados por nós. É neste sentido que pretendo discutir alguns dos vídeos que documentam as ações do projeto *BTS em Retalhos*. Estes vídeos são, portanto, obras indissociáveis de todo o contexto do projeto e seu objetivo não foi dar conta de documentar tudo o que ocorreu durante as ações, mas sim funcionar como uma ponte entre o público que não esteve presente nas ilhas e as ações ali ocorridas, ao mesmo tempo em que se constituem como obras artísticas em si.

Sem um roteiro pré-definido, estes vídeos foram se construindo a partir das percepções das atividades coletivas ocorridas nas comunidades visitadas. O tempo transcorrido entre a captação das imagens *in loco* e a posterior edição serviu para que a memória efetuasse a seleção das imagens e percepções mais eloquentes. A narrativa que ocorre no transcorrer de cada vídeo, embora apresente conexões com a sequência cronológica na qual as ações ocorreram, nem sempre é totalmente fiel à temporalidade de cada evento ocorrido, já que a própria linguagem videográfica impôs suas necessidades de ritmo e edição, de maneira que as imagens fossem concatenadas de maneira lógica e compreensível para o espectador.

Pretendo me concentrar principalmente na análise de dois vídeos dos quais participei ativamente – os que documentam as ações ocorridas na Ilha de Itaparica (Porto II) e na Ilha de Maré (Porto V). Nestes dois locais, atuei tanto como videomaker quanto como artista participante das oficinas e atividades performáticas que ocorreram no local. Munido de uma câmera portátil Mini Dv, observei as

atividades ao mesmo tempo em que me envolvi e me sensibilizei com elas. Em ambas as ocasiões, procurei captar o máximo de imagens possível e também ficar atento aos sons que poderiam ser utilizados na edição final do vídeo. A captação das imagens deu-se de maneira simples, na maior parte das vezes sem tripé e com iluminação natural já que as condições técnicas do local não permitiam grande aparato tecnológico, o que também tiraria a naturalidade dos participantes.

As ações realizadas nestas duas ilhas foram bastante diferentes, o que influenciou também na apresentação final dos vídeos. Enquanto a ação em Itaparica consistiu principalmente de uma atividade de pintura em retalhos de tecido, realizada em conjunto com as artesãs locais, a ação da Ilha de Maré foi mais elaborada artisticamente, já que cada artista criou um traje com as rendas tramadas pelas rendeiras da comunidade local e posteriormente foi realizado um desfile e uma série de performances na praia e no gramado da Ilha.

Apresento a seguir a maneira como os vídeos foram editados, em linhas gerais. O vídeo sobre a ação em Itaparica (Porto II), por ser o primeiro a ser realizado no âmbito do projeto e pela própria natureza da ação ali realizada, tem um caráter mais simples, em que a documentação se sobressai. O vídeo inicia com a travessia em barco de transporte público para a ilha. Após uma primeira imagem do mar em silêncio sobre a qual foi escrito o título do vídeo, surge uma imagem do interior da barca pública, lotada e com um grande barulho de vozes misturadas. A intenção é salientar o contraste sonoro e visual com a imagem anterior, de caráter mais meditativo e introspectivo em relação à imagem seguinte que mostra a precariedade e o barulho da balsa, além de destacar a gente simples que a usa diariamente para atravessar o mar. Este contraste é novamente salientado pela imagem que se segue: crianças observando o horizonte ao longe no terraço do barco. Esta imagem é exibida novamente sem som. A alternância entre barulho estridente e espaços de silêncio promove um ritmo no vídeo, que trafega entre a documentação crua das vivências obtidas durante a ação e a dimensão reflexiva sobre a comunidade e o ambiente, que surgem nas imagens mais silenciosas ou na sobreposição de palavras que dão novo significado às imagens.

As primeiras palavras surgem no vídeo logo após esta introdução, quando o barco chega à ilha e começam a ser mostradas as atividades realizadas junto com a

comunidade. Primeiramente aparece o neologismo “deslimites” que busca conferir um conteúdo poético ao vídeo, remetendo metaforicamente à ideia de quebra das distâncias e separações entre o pessoal morador das ilhas e do continente, procurando simbolizar a busca da construção de uma ponte imaginária através da arte. Após esta palavra, surgem ainda as palavras “matéria”, “memória” e “conceito”, que sintetizam as proposições artísticas do grupo MAMETO, responsável pelo desenvolvimento destas ações. Estas palavras aparecem sobre um fundo verde, aparentemente abstrato, que aos poucos se revela como sendo um dos tecidos sendo pintado pela coordenadora do projeto, Profa. Dra. Viga Gordilho e uma das integrantes da comunidade. Este *take* é a primeira imagem da produção de obras plásticas que aparece no vídeo, servindo assim como separação das imagens anteriores, que documentavam mais a travessia no barco, para introduzir as imagens da ação artística em si. O fundo musical desta imagem anuncia de maneira solene o que está por vir. Trata-se da “Ave Maria” de Charles Gounod, cantada espontaneamente *a capella* pela artesã Jaciara Santana, moradora da comunidade de Itaparica e participante desta ação. A música, que surge aqui no início do vídeo, volta aparecer em seu fechamento, quando é identificada sua cantora. Seu caráter sacro traduz a forte religiosidade do povo baiano, trazendo um elemento erudito a uma situação popular e singela.

Após esta introdução seguem-se uma série de imagens que documentam os trabalhos de pintura, colagem e bordados realizados com as integrantes da comunidade local. O clima é de descontração, revelado em imagens despretensiosas embaladas ao som de músicas que foram cantadas por todo o grupo. Para a edição destas imagens, foram selecionados trechos das músicas cantadas espontaneamente pelos participantes que foram remontados sobre imagens que melhor mostravam as atividades do grupo trabalhando. Há um descolamento proposital entre o som e as imagens, de forma que as músicas servem apenas como pano de fundo. Esta sequência de sonoro-visual é apenas quebrada quando se insere a imagem das artesãs caminhando para ir embora após o término dos trabalhos. Nesta imagem o som captado diretamente, já que as artesãs cantam em coro a música “Mulher Rendeira”, que se relaciona diretamente a seu fazer enquanto mulheres artesãs. O sentido da coletividade é aqui reforçado e pode-se ver a alegria nos rostos das participantes após o trabalho realizado.



Figura 1 – Cena do vídeo BTS em Retalhos – Porto II - Itaparica

Terminado este bloco bastante musical do vídeo, instaura-se uma imagem bastante silenciosa da paisagem, podendo-se ouvir apenas alguns sons de pássaros e do próprio mar. A imagem é dividida em três faixas horizontais, mostrando a areia, o mar e o céu. Acima da linha do horizonte, lentamente aparece um texto deslizando da direita para a esquerda, e alguns segundos depois surge do lado esquerdo um barco de pescadores retirando uma rede de pesca do mar, dirigindo-se para o lado oposto do campo visual. Os movimentos do texto em direção à esquerda e do barco em direção à direita promovem uma relação simbólica entre eles: enquanto o texto se refere às mulheres retratadas no vídeo, o barco exhibe a realização de uma atividade essencialmente masculina, a pescaria. Este *take* do vídeo apresenta uma duração um pouco mais longa que os anteriores e introduz assim uma espécie de pausa meditativa sobre a atividade artística realizada. A frase que desliza sobre a tela, elaborada a partir de textos previamente escritos a respeito de outras ações do projeto BTS, nos conta de maneira poética sobre as conversas tidas com a comunidade local durante a realização das atividades. O texto é o seguinte: *“Falaram das travessias, das estradas, das águas, dos longos caminhos percorridos pelas vendedoras de mariscos e pelas professoras para se formar; falaram da*

coragem dessas mulheres, de sua força e esforço físico. Falaram da natureza misteriosa e do mar. Falaram da destruição crescente da natureza. Falaram de preconceito e auto-estima”.

Após este momento reflexivo e quase silencioso, novamente o vídeo apresenta uma sequência sonora bastante potente, cuja música de fundo é novamente a Ave Maria de Gounod, cantada agora até o final por uma das artesãs que participaram da atividade em Itaparica. As imagens mostram um longo caminhar sobre os retalhos pintados e bordados durante a atividade, que se encontram agora todos unidos em um longo tapete comunitário colocado sobre um píer existente na praia em frente do Instituto Sacatar, onde foi realizada a ação artística. A extensão do tapete só é revelada ao final do vídeo. Quando a câmera chega ao final do píer após mostrar todos os retalhos, é realizado um movimento para cima, mostrando primeiramente a areia, depois o mar e por fim o céu. A relação entre a música e o caráter de celebração desta imagem é destacada pela fusão do céu com um close nos olhos da cantora, enchendo a imagem de emoção e espiritualidade. Por fim, a música cessa e novamente aparece a imagem do longo tapete de retalhos sobre o píer, desta vez aparecendo por inteiro em um plano aberto que mostra sua integração a paisagem da praia. Os créditos da realização da ação artística aparecem sobrepostos a esta imagem estática sob o som natural dos pássaros e do mar.

Embora tenha sido realizado com poucos recursos e em curto espaço de tempo, este vídeo procurou trazer um pouco da atmosfera colaborativa e simples existente na ação realizada no Porto II – Itaparica. A inserção de textos e imagens mais contemplativas, assim como a convivência entre músicas eruditas e populares e sons captados do natural teve como objetivo ampliar as dimensões reflexivas da ação, ao mesmo tempo em que a documentava. A realização desta obra videográfica serviu como ponto de partida para a criação de outros vídeos que documentaram as ações seguintes do projeto BTS.

O vídeo que documentou a última ação do projeto BTS, no Porto V – Ilha de Maré, teve já um caráter mais elaborado, assim como a ação artística ali ocorrida. Esta ação foi bastante diferente das anteriores, pois ao invés da realização de uma oficina com a comunidade, optou-se pela apresentação de uma série de

performances e um desfile performático com trajes criados pelos artistas a partir das rendas confeccionadas pelas artesãs locais. Esta ação tinha como objetivo valorizar a produção do artesanato local, apresentando novas possibilidades de utilização das rendas para a população. Além disso, a realização das performances em um cenário natural paradisíaco evocou um sentido comunitário entre a força da natureza, seus habitantes, seu imaginário e suas projeções míticas. As performances e os trajes criados fizeram referência aos orixás e personagens locais, porém retrabalhados de maneira bastante contemporânea. Embora as ações tenham sido realizadas preponderantemente pelos artistas do grupo MAMETO, tendo a comunidade de rendeiras como público, estes habitantes locais se integraram à realização das atividades, colaborando com a realização das performances e fornecendo as rendas que foram utilizadas pelos artistas. Após a finalização das apresentações, foi realizada uma conversa com as habitantes locais, na qual elas puderam identificar as rendas que tinham feito, contando informações sobre sua confecção e transmitindo ao grupo de artistas aspectos de seu saber tradicional. Os momentos poéticos se instauraram nesta ação, tanto pelo estranhamento ritualístico despertado pela linguagem contemporânea da performance, como pelo diálogo franco e amistoso entre os artistas e os membros da comunidade.

O vídeo que documenta esta ação privilegiou a beleza das imagens da paisagem como fundo para as poéticas performances realizadas. Inicialmente há uma introdução de imagens da paisagem marítima, captadas durante a travessia entre Salvador e a Ilha de Maré. No início não aparecem imagens de pessoas nestas cenas, que salientam a beleza do ambiente natural. A música escolhida como trilha sonora é “Que carro de boi é esse” composta por Loop B e Pedro Osmar. Seu caráter bastante contemporâneo une elementos que remetem aos tons tradicionais locais. Ao final desta música, finalmente surge a chegada dos artistas que desembarcam na ilha sendo trazidos por um pequeno barco conduzido por um habitante local.

Após esta cena vemos a recepção aos artistas, realizada por dois integrantes do grupo, Nicole Avilez e Arthur Scovino, que dançam e dão as boas-vindas vestidos de branco em frente à pequena igreja da ilha. A seguir, segue-se uma cena bastante descontraída. As imagens mostram todos se movimentando em um terraço onde se

abrigam da chuva, degustando frutas locais, se arrumando para as performances, conversando excitados pela paisagem da ilha e ao mesmo tempo acuados diante da força da chuva. O som local que embala a cena são canções de Gal Costa, sendo tocadas em uma pequena vitrola. Ao final desta cena, vemos o rosto de um menino habitante da ilha e aí começa um momento mais misterioso do vídeo.

Ao som da poderosa música “Suite Negona” de Loop B e Pedro Osmar, que reúne sons de berimbau e ruídos eletrônicos, vemos primeiramente uma montagem rítmica e acelerada que justapõe imagens de rendas de bilro e de raízes do mangue, traçando uma analogia entre as tramas deste artefato da cultura local e a poderosa força mítica da natureza baiana. Após essa sequência de imagens, surgem uma série de performances realizadas na ilha por diferentes artistas e ao final é exibido o desfile de trajes, no qual todos se integram de maneira coletiva e performática. Esta parte do vídeo concentra as principais realizações artísticas do grupo na Ilha de Maré e reúne simbolicamente suas intenções, trazendo elementos da cultura popular unidos à arte contemporânea, relacionando natureza e cultura e tráfegando entre a elaboração criativa e a espontaneidade das relações afetivas entre os artistas e a comunidade.



Figura 2 – Cena do vídeo BTS em Retalhos – Porto V – Ilha de Maré

O final do vídeo é marcado pela introdução de uma nova música, “O seu lado de cá” de Nando Reis. A letra desta canção faz referências ao mar e às relações humanas, trazendo de maneira poética alguns dos conteúdos da ação artística. A música é entremeada por depoimentos das rendeiras, juntamente com os artistas, representando a comunhão de saberes e o diálogo estabelecido. Ao final, vê-se a despedida do grupo de artistas sendo levados de volta no mesmo barco em que chegaram, porém transformados pelas vivências que tiveram na ilha. A última imagem do vídeo, sobre a qual aparecem os créditos de produção retrata apenas o mar e a areia, numa dança abstrata de formas que fazem e se desfazem. Esta imagem, além de mostrar um elemento da paisagem natural do local, torna-se um momento simbólico e meditativo do vídeo, que ao som da canção de Nando Reis funciona como uma pausa reflexiva sobre o que acabamos de ver.



Figura 3 – Cena do vídeo BTS em Retalhos – Porto V – Ilha de Maré

A realização destas ações do projeto BTS em retalhos, e suas posteriores documentações em vídeos, fotografias e textos mostram-nos que o poder transformador da arte não se esgota na realização de obras artísticas materializadas em suportes físicos, mas encontra seus estágios de maior potência na interação entre os indivíduos que se relacionam pela arte, nas reflexões que pode gerar e nos

afetos que desperta, sensibilizando a todos. Por seu caráter multisensorial, unindo sons, imagens e textos, além de sua capacidade de documentar ao mesmo tempo em que instaura um modo poético, o vídeo se revelou um importante instrumento para tentar traduzir um pouco das experiências vivenciadas durante as ações do projeto BTS. Funcionando como repositório de lembranças, o vídeo ativa a memória daqueles que estiveram presentes nas ações e ao mesmo tempo desperta emoções naqueles que não puderam vivenciar estas ações presencialmente. Estas memórias videográficas fazem-nos navegar entre o tempo presente e o passado, entre a cultura e a natureza, entre o artesanal e o artístico, entre o popular e o erudito, entre o íntimo e o coletivo, entre a terra firme e as ilhas de nosso imaginário flutuante, buscando nos sensibilizar para sentimentos comunitários essenciais e profundos.

REFERÊNCIAS

GORDILHO, V. et al. Programa de pesquisa Baía de Todos os Santos: resposta à complexidade das demandas por conhecimento. *Rev. Virtual Quim*, v. 4, n. 5, p. 497-516, out. 2012. Disponível em: <<http://www.uff.br/rvq>>. Acesso em: 03 mai. 2013.

GORDILHO, V. et al. *Ocultações e espelhamentos: processos criativos em oficinas realizadas pelo Núcleo de Arte no Projeto BTS*. Salvador: EDUFBA, 2011.

Hugo Fortes

Artista visual, Curador e Professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA-USP. Pós-doutor pela FAU-USP, com doutorado em Artes Visuais pela ECA-USP, com período sanduíche na Universität der Künste Berlin. Residiu de 2004 a 2006 em Berlim como bolsista DAAD. Como artista, já participou de exposições em cerca de 15 países. Em 2007 foi vencedor nacional do Prêmio CAPES de tese.